
MICHEL DE MONTAIGNE

Da Experiência (*)

11

Já vivi o tempo bastante para poder dar conta da experiência que me trouxe tão longe. E, para quem quiser conhecer-lhe o gosto, preparei uma prova, à maneira do escanção: apontamentos que irão surgindo ao sabor da memória. Hábitos que não fossem mudando em função das circunstâncias, nunca os tive, mas vou registar os mais frequentes e que, até agora, maior influência exerceram sobre mim. A minha maneira de viver tem sido sempre a mesma, tanto na saúde como na doença: a mesma cama, as mesmas horas, as mesmas viandas e a mesma bebida sempre me bastaram. Não lhe introduzo nenhuma alteração salvo no que respeita à quantidade, consoante as forças e o apetite. Para mim, a saúde consiste em manter sem grandes diferenças o meu estado habitual. Se sinto a doença a querer desviar-me para um lado, resta-me confiar nos médicos que hão-de desviar-me para o outro e, seja o destino ou a arte, lá consigo sair. Tenho para mim que não

(*) *Essais* (texto fixado por Albert Thibaudet, Paris, Gallimard, 1950).
Excertos do Livro III, Capítulo XIII, seleccionados por António Sousa Ribeiro
e traduzidos do francês por Cristiano Lello.

há nada mais certo do que isto: o nunca poder sentir-me atingido pela constância de hábitos há muito adquiridos.

O hábito é que molda a nossa vida. Nisso, ele é rei e senhor: é o filtro de Circe capaz de transformar a nossa natureza a seu bel-prazer. Quantas nações, e aqui a dois passos, não acham ridículo o medo do sereno, cujos malefícios são para nós tão evidentes?

E também os nossos marinheiros e camponeses se riem disso. Um alemão fica doente só de se deitar num colchão, tal como um italiano num leito de penas, ou um francês que tenha de dormir sem dossel nem lareira. O estômago de um espanhol não resiste à nossa alimentação, nem o nosso se bebermos como os suíços.

Achei graça ao ouvir um alemão, em Augusta⁽¹⁾, criticar o desconforto das nossas lareiras utilizando o mesmo argumento de que nos servimos normalmente para criticar as estufas deles. É que, de facto, aquele calor abafado e, depois, o cheiro requentado dessa substância de que são feitos tornam-se estonteantes para a maioria dos que não estão acostumados. Para mim, não. Mas, afinal, esse calor uniforme, constante e regularmente distribuído, sem brilho nem fumo, e sem o vento trazido pela abertura das nossas chaminés, até pode muito bem comparar-se ao nosso. Por que é que não imitamos antes a arquitectura romana? Pois, se se diz — tal como li algures claramente descrito por Séneca — que, nesse tempo, o fogo só se acendia fora das casas e por baixo delas, e que daí o calor era espalhado por toda a habitação através de condutas rasgadas na espessura das paredes em torno das divisões que se pretendia aquecer. O mesmo alemão, ao ouvir-me elogiar o conforto da sua cidade — que sem dúvida o merece — começou a lastimar-me por eu ter de vir embora. E um dos primeiros inconvenientes por ele apontados foi o das enxaquecas que as lareiras de outras terras iriam provocar-me. Tinha ouvido essa queixa a alguém e aplicou-a a nós, incapaz, por força do hábito, de sentir o mesmo na sua própria casa. Todo o calor vindo do fogo me enfraquece e oprime. E, embora Eveno tenha dito que o melhor tempero da vida era o fogo, eu prefiro uma outra maneira qualquer de me proteger do frio.

Nós temos medo do vinho do fundo do casco, mas em Portugal essa borra é considerada uma delícia e é bebida de

(1) Augsburg.

príncipes. De facto, todas as nações têm certos usos e costumes que, noutras, não são apenas desconhecidos mas estranhos e surpreendentes.

Que há-de fazer-se com um povo que não aceita senão o testemunho escrito, que não acredita nos homens senão através dos seus livros, nem em verdades que não tenham a competente idade? Conferimos dignidade às nossas asneiras quando as damos ao prelo. Para tais pessoas, tem muito mais peso dizer-se “Eu li isto” do que “Eu ouvi dizer isto”. Mas eu, que não descreio dos homens mais do que da pena, que sei que se escreve e se fala com igual ligeireza, e que considero tanto esta época quanto qualquer outra já passada, sou capaz de citar indiferentemente um amigo meu ou Aulo Gélio ou Macróbio, bem como o que eu vi ou o que eles escreveram. E, tal como se diz que a virtude não é maior só por ser mais duradoira, também eu entendo que a verdade não é mais sábia só porque é mais velha. Tenho dito amiúde que é pura estultícia o que nos faz correr atrás dos exemplos estrangeiros e livrescos. Os tempos de hoje são nisso tão férteis como os de Homero e de Platão. Mas não estaremos nós mais preocupados com os louros da citação do que com a verdade que ela encerre? Como se merecesse mais crédito ir colher as nossas provas às oficinas de Vascosan ou de Plantin ⁽²⁾ do que àquilo que pode ser visto na nossa aldeia. Ou será que nós não temos talento para analisar e valorizar o que se passa diante dos nossos olhos, avaliando-o com a sagacidade bastante para convertê-lo em exemplo?

É que é despropositado afirmar que nos falta autoridade para que o nosso testemunho faça fé. Tanto mais que, em meu entender, das coisas mais vulgares e comuns — assim saibamos nós vê-las — se podem retirar os maiores milagres da natureza e os exemplos mais maravilhosos, sobretudo no que respeita ao comportamento humano.

[...]

E que dizer do facto de uma mera dúvida ou pergunta sobre a nossa saúde poder afectar a nossa imaginação a ponto de operar transformações em nós? Aqueles que cedem a tais impulsos atraem a sua própria destruição. Lamento todos esses fidalgos que, apesar de jovens e saudáveis, se converteram em prisioneiros por causa da imbecilidade dos seus médicos. Afinal, mais valia terem sofrido um resfriado do que terem perdido, para sempre e por descostume, os

(2) Dois tipógrafos.

prazeres da vida em sociedade, com o abandono desse hábito tão frequente que é o sair à noite. Quão perversa é a ciência que denigre as horas mais agradáveis do dia! Há que usar as nossas capacidades até aos limites do possível. As mais das vezes, nessa porfia, enrijecemos e melhoramos a nossa compleição, tal como César fez com a epilepsia, escarnecendo e resistindo. Devemos observar os melhores preceitos, mas não nos escravizando nunca, salvo àqueles — se é que os há — de cuja servidão resultem benefícios.

Reis e filósofos, todos defecam. E as damas também. A vida das figuras públicas obedece a protocolos; a minha, que é privada e obscura, goza de todas as naturais dispensas; ser soldado e gascão é já, de algum modo, estar sujeito à indiscrição. Por isso, quero dizer que essa necessidade deveria ser remetida para certas horas da noite previamente estabelecidas, e todos deveriam sujeitar-se a elas pelo hábito, tal como eu fiz. Mas não sujeitar-se, como me aconteceu com o aproximar da velhice, ao conforto de um determinado lugar e assento para esse serviço, tornando-o numa prática demorada e fastidiosa. Não será, porém, desculpável que se exija maior cuidado e asseio nos serviços mais sujos? “*Natura homo mundum et elegans est*”⁽³⁾. De todas as necessidades naturais, esta é aquela em que eu menos gosto de ser interrompido. Já vi muitos homens de armas incomodados pela irregularidade dos seus intestinos. Eu e os meus nunca falhamos na pontualidade do nosso acordo, que é ao saltar da cama, desde que não sejamos perturbados por qualquer ocupação urgente ou doença grave.

Como ia dizendo, não vejo melhor maneira de um doente se proteger do que manter serenamente o tipo de vida em que foi educado e alimentado. Uma alteração, qualquer que ela seja, é perturbadora e perniciosa. Quem é que vai acreditar que as castanhas fazem mal a um homem do Périgord ou de Lucca, e o leite e o queijo a um montanhês? Os médicos estão sempre a prescrever regimes não apenas novos mas contrários ao regime habitual do paciente: mudança que nem um santo seria capaz de aguentar. Receitem água a um bretão de setenta anos, fechem um homem do mar num compartimento aquecido, proibam o

⁽³⁾ “O homem é um animal asseado e delicado por natureza.”, Sêneca, *Cartas*, XCII.

passaio a um laçao basco: privam-nos de movimento e, por fim, do ar e da luz.

An vivere tanti est? (4)

*Cogimur a suetis animum suspendere rebus,
Atque, ut vivamus vivere desinimus.* (5)

*Hos superesse rear, quibus et spirabilis ær
Et lux qua regimur redditur ipsa gravis?* (6)

Se mais nada de bom fizerem, fazem pelo menos isto: preparar os pacientes com antecedência para a morte, cerceando-lhes e minando-lhes a fruição da vida.

Tanto na saúde como na doença, sempre me entreguei de bom grado aos apetites mais prementes. Confiro uma grande autoridade aos meus desejos e inclinações. Não gosto nada de curar um mal com outro mal; odeio os remédios que incomodam mais do que a doença. Ter de aguentar a cólica e sujeitar-me a prescindir do prazer de comer ostras são dois males em vez de um. A doença belisca-nos de um lado e a dieta do outro. Já que corremos o risco de um engano, mais vale arriscarmo-nos pelos caminhos do prazer.

O mundo faz o contrário e só acha útil o que é penoso: suspeita da facilidade. Afortunadamente, em diversos casos, o meu apetite acomodou-se por si próprio e alinhou com a saúde do meu estômago. Os molhos acres e fortes agradavam-me quando era novo. Entretanto, o meu estômago deixou de os tolerar e, acto contínuo, o paladar também. O vinho faz mal aos doentes: é a primeira coisa que me sabe mal e de uma maneira irreprimível. Qualquer coisa que me desagrade me faz mal, mas nada do que faça com vontade e com gosto. Nunca me senti mal com o que me agrada fazer. E assim consegui, em larga medida, que os conselhos médicos coincidissem com o meu prazer. E, enquanto jovem,

*Quem circumcursans huc atque huc sæpe Cupido
Fulgebat, crocina splendidus in tunica* (7),

(4) "A vida vale assim tanto?"

(5) "Obrigam-nos a mudar os nossos hábitos e deixamos de viver para continuarmos vivos", Maximiano, I, 155.

(6) "Poder-se-ão chamar vivos os que sofrem até com a luz que os ilumina e com o ar que respiram?" (id., 247)

(7) "Quando em torno de mim, voava sem cessar Amor, resplandecente em sua túnica dourada.", Catulo, LXVI, 133.

entreguei-me tão licenciosa e despreocupadamente como qualquer pessoa ao desejo que me avassalava,

Et militavi non sine gloria⁽⁸⁾

embora mais na constância e persistência do que no vigor do ímpeto:

Sex me vix memini sustinuisse vices⁽⁹⁾.

16

Na verdade, é triste — e surpreendente — ter de confessar com que precocidade me rendi ao seu império. Foi por mero acaso, já que aconteceu muito antes da idade do arbítrio e da razão. Já lá vai tanto tempo que nem consigo lembrar-me, e talvez se possa comparar a minha sina à de Quatila⁽¹⁰⁾ que não tinha qualquer memória da sua virgindade.

[...]

Raramente consulto os médicos em questões de saúde, porque são gente que se aproveita de nós quando nos tem à mercê. Enchem-nos os ouvidos com prognósticos. Uma vez, apanharam-me de surpresa e abatido pela doença e não me pouparam a sentenças de sapientíssimos esgares, ora ameaçando-me com dores terríveis, ora com a morte que não tardaria em chegar. Não é que, por isso, eu tenha ficado abalado ou menos seguro de mim, mas senti-me massacrado e acossado. E se o meu entendimento não sofreu com isso nem ficou afectado, pelo menos ressentiu-se. É que não deixa de haver agitação e conflito.

Agora trato a minha imaginação com a maior delicadeza que me é possível e, se pudesse, aliviava-a de todas as angústias e contrariedades. É preciso ajudá-la, lisonjeá-la e, se possível, embaí-la. Eu tenho o espírito necessário para essa prática: nunca lhe faltam bons motivos, seja em que circunstâncias for. E se fosse tão bom a persuadir como a pregar, ajudar-me-ia com todo o êxito.

Querem um exemplo? Ele diz que é para meu bem que eu tenho cálculos renais, que organismos com a minha idade têm naturalmente de sofrer de algumas mazelas. (Chega sempre uma altura em que começam a ceder e a

⁽⁸⁾ "Combati não sem glória." (Horácio, *Odes*, III, XXVI, 2.)

⁽⁹⁾ "Mal me lembro de ter chegado até seis", segundo Ovídio (*Amores*, III, VII, 26) que diz nove.

⁽¹⁰⁾ Petrónio, cap. XXV.

deteriorar-se. É a sorte que a todos calha. Por que é que havia de acontecer um milagre só para mim? Eu estou a pagar os juros da velhice e não creio que seja possível conseguir melhor preço.) Diz que cabe às minhas companhias consolarem-me, já que padeço de um dos males mais comuns aos homens do meu tempo. Em toda a parte encontro vítimas da mesma moléstia e sinto-me honrado pela companhia, tanto mais que ela escolhe de preferência os ilustres: há nobreza e dignidade na sua essência. Diz também que, dos atingidos, poucos são os que se avêm melhor. E têm então de se sujeitar a um penoso regime e à ingestão diária e fastidiosa de drogas medicinais, enquanto eu fico a dever a recuperação apenas à minha boa sorte, porque alguns caldos banais de saxífraga ou erva-turca que duas ou três vezes tive de engolir — por amabilidade para com as senhoras que, com uma gentileza maior do que a intensidade das minhas dores, me ofereciam metade do delas — me pareceram tão fáceis de tomar quanto ineficazes nos resultados. Os outros têm de pagar milhares de promessas a Esculápio, e outros tantos cruzados ao médico, por uma simples e abundante descarga de cálculos que eu frequentemente consigo pelos favores da natureza. Nem sequer o decoro do meu comportamento em sociedade sofre com isso, porque aguento as minhas águas durante dez horas ou tanto tempo como qualquer pessoa. O receio desta doença, diz ele, afligia-te dantes, quando ainda a não conhecias. Os gritos e o desespero daqueles que a agravam com a impaciência faziam nascer em ti o pavor da doença. É uma enfermidade que te ataca os órgãos com que mais prevaricaste. Tu és um homem de consciência.

Quæ venit indigne pæna, dolenda veni ⁽¹¹⁾.

Atenta no castigo. Comparado com outros, é um castigo ligeiro e de uma brandura paternal. Pensa em como chegou tarde: só veio afectar e perturbar um período da tua vida que, assim como assim, já é estéril e falho, mas deu-te tempo, como se tivesse sido combinado, para a licenciosidade e prazeres da juventude. O medo e a compaixão que esta doença inspira nas pessoas são para ti motivo de vanglória, porque, mesmo que a tenhas banido da tua mente e suprimido das tuas conversas, os teu amigos ainda

⁽¹¹⁾ "Só merece a pena lamentar o mal que se não merece", Ovídeo, *Heróinas*, V, 8.

conseguem reconhecer-lhe alguns vestígios no teu carácter. É gratificante ouvirmos dizer de nós "Olhem que força e que paciência!" Vêem-te transpirar com dores, empalidecer, corar, tremer, vomitar sangue, ter contracções e convulsões estranhas, e às vezes a deixar correr lágrimas grossas pelo rosto. Tens descargas de urina espessa, escura e medonha, ou então não consegues expeli-la por causa de alguma pedra afiada e rugosa que te retalha o pénis com violentas picadas, mas continuas a falar naturalmente com toda a gente, brincando de vez em quando com os criados, participando com interesse nas conversas, não deixando transparecer a dor e minimizando o sofrimento. Recordas-te daquelas pessoas de tempos remotos que procuravam avidamente os males para manterem o fôlego e o exercício da virtude? Imagina que a natureza te leva à força para essa gloriosa escola onde nunca terias entrado de livre vontade. Se me dizes que é uma doença perigosa e mortal, quais o não são? É matreirice dos médicos pretenderem que há algumas excepções que não conduzem directamente à morte. O que é que isso importa, se chegam lá por acidente? Se resvalam e se se desviam facilmente para o caminho que nos leva lá? Mas tu não morres por estares doente, morres por estares vivo. A morte mata-te na mesma sem a ajuda da doença. E a doença já adiou a morte a muita gente que viveu mais tempo por achar que estava moribunda. Acresce que também há doenças, como há feridas, que são medicinais e salutares. Muitas vezes a cólica não tem menos vida do que nós. Há homens a quem durou desde a infância até à velhice mais avançada e, se não tivessem sido eles a abandoná-la, ela estaria pronta a acompanhá-los por mais tempo. Nós matamo-la com mais frequência do que ela a nós. E, quando ela te apresenta a imagem da morte que se avizinha, não será um bom ofício levar um homem dessa idade a meditar sobre o seu fim? E o pior é que já não tens por que te curar. Seja como for, o destino chama-te na primeira oportunidade. Repara com que artifícios e com que suavidade a doença te vai desinteressando da vida e desprendendo do mundo: não te força a uma sujeição tirânica como tantas outras enfermidades que se vêem nos velhos, e que os mantêm continuamente entevados e sem alívio do enfraquecimento e da dor. Antes te vai avisando e instruindo em alternância com longos momentos de repouso, como quem te dá o ensejo de meditates e repetires a sua lição à tua vontade. Para que possas ajuizar correctamente e como homem de

carácter, ela dá-te uma visão completa da tua situação, do melhor e do pior, e no mesmo dia proporciona-te uma vida ora deliciosa ora insuportável. Se não osculas a morte, pelo menos apertas-lhe a mão uma vez por mês. Daí que tenhas todas as razões para esperar que um dia ela venha apanhar-te sem avisar e que, tendo sido conduzido tantas vezes até ao porto e acreditando que estás ainda nas mesmas condições, um belo dia dês por ti e pela tua confiança inesperadamente transportados para lá do Estige. Não há razão para nos queixarmos da doença que partilha lealmente o seu tempo com a saúde.

Estou grato ao destino por me atacar tantas vezes com as mesmas armas. Habitua-me a elas e treina-me pela prática, dando-me resistência e traquejo. Agora já sei mais ou menos quanto me custa ver-me livre delas. Por falta de memória natural, forjo uma no papel e, quando surge algum novo sintoma da minha doença, escrevo-o. E assim, neste momento, tendo já passado por quase toda a espécie de exemplos, se porventura me sinto ameaçado por alguma surpresa, vou folheando as minhas notas desordenadas, como páginas sibilinas, e encontro sempre na minha experiência passada um prognóstico favorável para me consolar. A habituação também me serve para ter mais esperança no futuro. Pois, se a expulsão dos cálculos se tem mantido tanto tempo, é de crer que a natureza não altere o seu curso e que não venha a acontecer nada pior do que o que eu já suportei. Além disso, as características desta doença não se adaptam nada mal ao meu feitio impetuoso e repentino. Quando me ataca suavemente é que me assusta, porque é por muito tempo, mas o normal é ter crises agudas e violentas que me fazem estremecer todo durante um ou dois dias. Os meus rins aguentaram-se um par de anos ⁽¹²⁾ sem problemas e há já quase outros tantos ⁽¹³⁾ que estão doentes. Não há mal que sempre dure nem bem que se não acabe. Talvez o meu mal esteja prestes a acabar. A idade diminui o calor do estômago, a digestão passa a fazer-se pior e ele manda essa matéria crua para os meus rins. Por que não diminui também o calor dos meus rins, num determinado momento, de tal modo que eles deixem de poder petrificar o meu fleuma e que a natureza trate de encontrar outra via de purgação? É evidente que os anos fizeram secar alguns humores em mim. E por que não

⁽¹²⁾ Montaigne tinha escrito, em 1588: "quarenta anos".

⁽¹³⁾ Montaigne tinha escrito, em 1588: "em breve catorze anos".

também esses dejectos que provocam a pedra? Mas haverá alguma delícia comparável a essa mudança brusca quando, ao expulsar uma pedra, eu passo, num ápice, da dor mais forte para a maravilhosa luz da mais perfeita e plena saúde, como acontece nas nossas cólicas mais súbitas e violentas? Haverá, nessa dor que sentimos, alguma coisa que possa contrapor-se ao prazer de umas melhoras tão rápidas? Como me surge mais bela a saúde depois da doença, ambas tão próximas que posso vê-las em presença uma da outra, com todos os aprestos, quais inimigos ferozes que se desafiavam e digladiavam mutuamente!

[...]

Se eu tivesse filhos varões, só queria que eles tivessem a mesma sorte que eu. O bom pai que Deus me deu e a quem só posso agradecer a bondade, mas com uma gratidão profunda, mandou-me ser amamentado numa pobre aldeia dos seus domínios, onde me manteve até muito depois de terminada a amamentação, para me acostumar às mais humildes e simples condições de vida: "Magna pars libertatis est bene moratus venter" ⁽¹⁴⁾. Nunca tomeis a vosso cargo, e as vossas mulheres ainda menos, a tarefa de alimentar as crianças. Deixai que o destino as molde nas leis da natureza e do povo, deixai que se habituem a ser frugais e austeras para que as dificuldades sejam um ponto de partida e não de chegada. As intenções dele visavam ainda outro objectivo: aproximar-me do povo e dos homens dessa condição que precisam da nossa ajuda. Entendia ser meu dever estar mais atento a quem me estende os braços do que a quem me vira as costas. E foi também por esse motivo que escolheu pessoas das mais desventuradas para pegarem em mim ao colo na pia baptismal, com o intuito de me ligar e vincular a elas.

Os seus desígnios não foram nada mal sucedidos: sinto uma natural inclinação pelos humildes, ou por ser mais dignificante ou por compaixão natural, que em mim é muito forte. A facção que eu condenaria nas nossas guerras, condená-la-ia ainda mais asperamente se estivesse próspera e florescente. Só poderei reconciliar-me de algum modo com ela quando a vir dominada e miserável ⁽¹⁵⁾. Como é grande

⁽¹⁴⁾ "Uma grande parte da liberdade está no bom funcionamento dos intestinos".

⁽¹⁵⁾ A edição de 1588 não continha este prudente condicional: "Nas nossas contendas, eu condeno um dos partidos, mas mais quando ele floresce e prospera; algumas vezes reconciliei-me ligeiramente por vê-lo miserável e infeliz".

a admiração que tenho por Quelone, filha e mulher de reis de Esparta! Enquanto Cleômbroto, seu marido, levou a melhor sobre Leónidas, seu pai, aquando das revoltas da cidade, como boa filha aliou-se ao pai no exílio e na miséria, opondo-se ao vencedor. Mas, assim que a sorte mudou, também com ela mudou a sua vontade e ei-la corajosamente ao lado do marido, seguindo-o por onde quer que a desgraça o levasse. Não tinha, ao que parece, outro propósito que não fosse o de juntar-se ao partido que mais precisasse dela e onde melhor pudesse manifestar a sua compaixão. Inclino-me mais naturalmente para o exemplo de Flamínio — que se dava mais aos que precisavam dele do que aos que podiam beneficiá-lo — do que para o de Pirro, sempre pronto a humilhar-se junto dos grandes e a vangloriar-se junto dos humildes.

As refeições demoradas cansam-me e fazem-me mal. Talvez por me ter habituado desde criança, não paro de comer enquanto estou à mesa, na falta de coisa melhor para fazer. No entanto, em minha casa, apesar de as refeições serem rápidas, vou sempre para a mesa depois dos outros, como Augusto. Mas não faço como ele que também se levantava antes de todos. Pelo contrário, depois de acabar, gosto de ficar sentado a ouvir as conversas, desde que não tome parte nelas. É que, se falar com o estômago cheio, canso-me e fico mal disposto, mas já acho que falar e discutir antes das refeições é um exercício salutar e bem agradável. Os Gregos e os Romanos sabiam mais do que nós, porque, a não ser que alguma tarefa especial os impedisse, dedicavam várias horas e a melhor parte da noite à alimentação, que é uma função vital. Comiam e bebiam menos apressadamente do que nós, que fazemos tudo a mata-cavalos, e prolongavam esse prazer natural com um vagar ritual, entremeando as refeições com útil e amena cavaqueira sobre os mais diversos temas.

Aqueles que têm de cuidar de mim bem podiam esconder o que acham que pode fazer-me mal, porque nestas coisas eu nunca sinto desejos nem saudades do que não vejo. Mas também não serve de nada pregarem a abstinência com um prato diante de mim. Por isso, quando quero fazer jejum, tenho de ficar longe dos demais e só podem servir-me o absolutamente necessário a uma refeição comedida, porque, se for para a mesa, esqueço a minha resolução. Sempre que mando preparar uma carne de maneira diferente, os meus criados já sabem o que isso quer dizer: que estou com falta

de apetite e que nem sequer lhe vou tocar. Gosto da carne mal passada, quando ela dá para isso, e há muitas de que eu gosto já com alguns dias e até com cheiro. Normalmente, só me desagrada quando é dura. Quanto às outras qualidades, sou tão indiferente e tolerante como qualquer dos homens que conheço. A tal ponto que, contrariamente ao que é comum, chego a achar alguns peixes demasiado frescos e rijos. A culpa não é dos meus dentes, que sempre foram excepcionalmente bons e só agora começam a ser ameaçados pela idade. Desde criança que tenho o costume de esfregá-los com um guardanapo, tanto de manhã como antes e depois das refeições.

Deus favorece aqueles a quem vai tirando a vida aos poucos. É o único benefício da velhice. Assim, a morte final será proporcionalmente menos completa e nefasta: não matará mais do que metade ou um quarto de homem. Acaba de me cair um dente, sem dor e sem qualquer esforço: chegou naturalmente ao fim do seu tempo. Tanto esta parte do meu corpo como muitas outras estão já mortas, outras há que estão meio mortas e que foram das mais activas e importantes durante os meus anos de vigor. É assim que eu me vou finando e perdendo de mim. Não seria um profundo disparate encarar este declínio, já tão adiantado, como se fosse um começo? Espero bem não cair nesse erro.

Na verdade, ao pensar na morte, encontro uma grande consolação no facto de ela ser justa e natural, e doravante não poderei exigir nem esperar do destino favores que não sejam imerecidos. Os homens estão convencidos de que, noutros tempos, já fomos mais altos e tivémos também vidas mais longas. Porém, Sólon, que viveu nessa época, estabelece como limite máximo de vida os setenta anos. E eu, que sempre e em tudo venerei tanto a *ariston meron* ⁽¹⁶⁾ da Antiguidade, e que sempre considereei o meio termo como a medida perfeita, vou agora pretender uma velhice desmesurada e monstruosa? Tudo o que for contrário ao curso normal da natureza poderá ser desagradável, mas o que estiver em conformidade com ela deverá ser sempre agradável. "Omnia, quae secundum natura fiunt, sunt habenda in bonis ⁽¹⁷⁾". Por isso, diz Platão, considere-se violenta a morte que é trazida pelas feridas ou pela doença, mas a que nos surpreende já pela mão da velhice é de todas

⁽¹⁶⁾ Justa medida.

⁽¹⁷⁾ "Tudo o que acontece de acordo com a natureza deve incluir-se no rol das coisas boas", Cícero, *De Senectute*, XIX.

a mais branda e até agradável. “Vitam adolescentibus vis aufert, senibus maturitas ⁽¹⁸⁾”.

A morte mistura-se e confunde-se constantemente com a nossa vida. O declínio anuncia-lhe a hora e insinua-se mesmo enquanto crescemos. Tenho retratos meus aos vinte e cinco e aos trinta e cinco anos e comparo-os com um de agora: não têm nada a ver comigo! Que diferença das minhas feições actuais, bem mais parecidas com as que terei na hora da morte! É abusar demasiado da natureza arrastá-la durante tanto tempo que ela se veja obrigada a abandonar-nos, deixando o nosso governo — dos olhos, dos dentes, das pernas e do resto — à mercê de uma assistência mendigada a estranhos. Cansada de nos acompanhar, ela entrega-nos nas mãos da arte.

[...]

Quando danço, danço. Quando durmo, durmo. E mesmo quando vou passear sozinho num belo pomar, se os meus pensamentos se perdem por algum tempo em divagações, a seguir trago-os de volta ao passeio, ao pomar, ao remanso dessa solidão e a mim próprio. Foi com um cuidado maternal que a natureza se encarregou de fazer que as necessidades que nos impõe fossem fonte de prazer, convidando-nos a satisfazê-las não só pela razão, mas também pelo desejo.

Quando vejo César e Alexandre, embrenhados nas suas grandiosas tarefas, entregarem-se completamente aos prazeres naturais, e por consequência necessários e legítimos ⁽¹⁹⁾, não digo que eles estão a perverter o espírito, antes digo que estão a fortalecê-lo submetendo, pela força do ânimo, as suas desgastantes actividades e as suas mentes laboriosas às práticas da vida de todos os dias. Quão sábios teriam sido se tivessem acreditado que estas eram a sua ocupação natural e aquelas a excepção! Que idiotas que nós somos! “Ele passou a vida toda na ociosidade”, “Hoje não fiz nada”, dizemos nós. O quê? Então não viveu? Viver não só é uma ocupação fundamental, mas também a mais nobre de todas. “Se me tivessem cometido uma tarefa importante, eu teria mostrado o que sou capaz de fazer”. Soube reflectir sobre a sua vida e soube conduzi-la? Então levou a cabo a maior de todas as empresas. Para se manifestar e actuar, a natureza não precisa de oportunidades: ela manifesta-se igualmente a todos os níveis e

⁽¹⁸⁾ “É um choque exterior que tira a vida aos jovens; nos velhos, ela cai de madura”, Cícero, *ibidem*.

⁽¹⁹⁾ A edição de 1588 diz: “prazeres humanos e corporais”.

tanto por trás das cortinas como às claras. A nossa obrigação é forjar o carácter e não escrever livros, é pôr ordem e tranquilidade na nossa conduta e não ganhar batalhas ou conquistar províncias. A nossa grande e gloriosa obra-prima é viver em conformidade ⁽²⁰⁾. Todas as outras coisas — reinar, acumular riqueza, construir — são, quando muito, complementos e auxílios de pouca monta. Delício-me a ver o general de um exército, junto de uma brecha que ele está prestes a atacar, entregar-se completa e livremente à conversa com os seus amigos; e a ver Bruto, com os céus e a terra a conspirarem contra ele e contra a liberdade de Roma, roubando uma hora às suas rondas nocturnas para poder ler e anotar Políbio à sua vontade. É próprio dos espíritos menores, assoberbados pelo peso dos negócios, não saber como livrar-se deles nem como parar e recomeçar:

*O fortes pejoraque passi
Mecum sæpe viri, nunc vino pellite curas;
Cras ingens iterabimus æquor* ⁽²¹⁾.

Quer tenha sido por graça ou a sério que o vinho dos teólogos da Sorbonne e os seus festins se tornaram proverbiais, eu acho justo que eles jantassem com todo o conforto e deleite, tanto mais que tinham dedicado séria e proveitosamente a manhã a ensinar as suas lições. A consciência de ter aproveitado bem as restantes horas é um óptimo e apetecível condimento da mesa. Assim viveram os sábios. E essa inimitável busca da virtude que suscita a nossa admiração por ambos os Catões, essa austeridade levada ao exagero foi cedendo suavemente e com agrado às leis da natureza humana, bem com às de Vénus e Baco. Seguiram as normas da seita deles, que exigem do sábio perfeito que ele seja tão experimentado e instruído no gozo dos prazeres naturais quanto em qualquer outra obrigação da vida. “Cui cor sapiat, ei et sapiat palatus ⁽²²⁾”. A condescendência e a maleabilidade são qualidades, ao que parece, que enaltecem admiravelmente e que assentam melhor numa alma forte e generosa. Epamñondas não achava que juntar-se à dança dos rapazes da sua cidade, cantar, tocar

⁽²⁰⁾ Passo cuja forma está sensivelmente alterada na edição de 1595.

⁽²¹⁾ “Valentes companheiros das piores desgraças, afogai hoje no vinho todas as preocupações: amanhã, o grande mar nos abrirá caminho”, Horácio, *Odes*, I, VII, 30.

⁽²²⁾ “Aquele que exercitou a consciência, que exerce também o paladar”, Cícero, *De Finibus*, II, VIII.

e entregar-se completamente ao divertimento fossem coisas que deslustrassem a honra das suas gloriosas vitórias ou a radical transformação de carácter que havia conseguido. E, de entre tantos feitos admiráveis de Cipião o Velho⁽²³⁾, personagem que mereceu ser considerada de origem divina, não há nada que lhe confira mais encanto do que vê-lo pela praia fora, juntamente com Lélío e despreocupado como uma criança, entreter-se a apanhar conchinhas ou a atirar seixos à água; ou então, quando está mau tempo, divertir-se maliciosamente a escrever comédias⁽²⁴⁾ onde se apresentam as mais ordinárias e obscenas acções dos homens⁽²⁵⁾. Com a cabeça ocupada pela maravilhosa campanha contra Aníbal e África, visitou as escolas da Sicília e frequentou as lições de filosofia com tal assiduidade que assanhou a inveja cega dos seus inimigos em Roma. Também não há nada mais espantoso em Sócrates do que, já velho, ter arranjado tempo para aprender a dançar e a tocar, e ter dado esse tempo por bem empregado.

Este mesmo homem foi visto de pé, durante um dia e uma noite a fio, enlevado e absorto no êxtase de pensamentos profundos, diante de todo o exército grego. O primeiro entre os valentes homens do exército, ele foi visto a partir em socorro de Alcibiades que estava a ser esmagado pelo inimigo. Sócrates cobriu-o com o corpo e libertou-o da multidão pela força das armas. E foi o primeiro de todos os atenienses, horrorizados como ele parante um tão vergonhoso espectáculo, a correr em auxílio de Terâmenes que os esbirros dos trinta tiranos conduziam à morte. E, apesar de seguido apenas por mais dois, só desistiu de tão ousado intento ante a reprovação do próprio Terâmenes. Assediado por uma beldade por quem se tomara de amores, soube, no momento preciso, observar a mais rígida abstinência. Na batalha de Delos, viram-no levantar e salvar Xenofonte que tinha sido derrubado do cavalo. Inúmeras vezes foi visto a marchar para a guerra e a caminhar sobre o gelo com os pés descalços, a usar a mesma roupa no Inverno e no Verão, a exceder todos os seus companheiros em perseverança nos momentos difíceis, a não comer mais num banquete do que numa refeição normal. Foi visto durante vinte e sete anos, e

⁽²³⁾ Trata-se de Cipião Emiliano (Cícero, *De Oratore*, II, 6), como, aliás, Montaigne dizia na edição de 1588. Corrigiu impropriamente.

⁽²⁴⁾ As de Terêncio, segundo a lenda.

⁽²⁵⁾ A edição de 1588 acrescenta: "Lastimo profundamente que as duas mais belas vidas descritas por Plutarco, as destes dois grandes homens, tenham sido das primeiras a ser perdidas".

sempre com a mesma cara, a aguentar a fome, a pobreza, a rebeldia dos filhos, as garras da mulher e, por último, a calúnia, a tirania, a prisão, os grilhões e o veneno ⁽²⁶⁾. Mas, se desafiassem este homem para beber à compita, aceitava por dever de cortesia e levava a melhor sobre todos os do exército. Nunca se recusava a jogar a feijões com as crianças ou a fazer corridas com elas num cavalo de pau, e fazia-o de bom grado. Tal como diz a filosofia, todas as acções assentam igualmente bem a um sábio e honram-no de igual modo. Não faltam razões para que nunca nos cansemos de apontar o seu exemplo como modelo acabado de todas as formas de perfeição. São poucos os casos de uma vida tão íntegra e pura, e estamos a lesar a nossa educação quando impingimos a nós próprios, todos os dias, exemplos néscios e falhados, que pouco ou nada têm de bom, e que antes nos arrastam para trás, deformadores em vez de formadores.

O povo anda enganado: é muito mais fácil seguir pelos lados, onde as bermas servem de guarda e de guia, do que pelo meio da estrada larga e aberta. E também é mais fácil seguir a arte do que a natureza, embora menos nobre e menos recomendável. A grandeza da alma não está tanto em erguer-se para o alto ou em caminhar para a frente como em saber acomodar-se e comeder-se. Ela considera grande o que é suficiente e mostra a sua elevação preferindo a moderação ao espanto ⁽²⁷⁾. Não há nada mais belo do que desempenhar correcta e convenientemente o papel do homem, nem exercício mais difícil do que aprender a viver esta vida naturalmente bem. E, das nossas doenças, a mais antinatural de todas é desprezarmos o nosso ser.

[...]

Eu criei para mim um vocabulário muito próprio: deixo passar o tempo quando ele é desagradável e incómodo; quando é bom, não quero que ele passe, saboreio-o e retenho-o. É preciso deixar passar o que é mau e demorarmos no que é bom. As expressões comuns “passa-tempo” e “passar o tempo” traduzem o hábito dessas pessoas prudentes que acham que o melhor partido que se pode tirar da vida é deixá-la correr e escapar-se, passarem por ela, desviarem-se e, tanto quanto estiver ao seu alcance, ignorarem-na e fugirem-lhe como coisa maçadora e desdenhável. Mas eu conheço-a de outra maneira e acho-a

⁽²⁶⁾ Tudo segundo Xenofonte e Platão.

⁽²⁷⁾ Rasura: “A imoderação não se entende consigo nem com a moderação”.

digna de apreço e aprazível, inclusivamente quando se aproxima do fim, que é o caso da minha. A natureza pô-la nas nossas mãos encarecida de tantos e tão agradáveis momentos que os únicos culpados, quando ela é um fardo e nos escapa sem qualquer proveito, só podemos ser nós. "Stulti vita ingrata est, trepida est, tota in futurum fertur" ⁽²⁸⁾ ⁽²⁹⁾. No entanto, estou conformado com a ideia de perdê-la sem mágoa, mas como uma coisa que é feita para ser perdida e não como uma enorme maçada. Além disso, só os que vivem com prazer aceitam sem relutância a ideia da morte. Para se gozar a vida é preciso saber. Eu gozo-a duas vezes mais do que os outros, porque o grau de prazer depende da maior ou menor dedicação com que o fazemos. Sobre tudo agora, que sinto a minha a escassear em tempo, quero aumentar-lhe o peso. Quero retardar a rapidez da sua fuga agarrando-a com prontidão e compensar o seu passo apressado com a intensidade que lhe imprimo. À medida que vou perdendo posse da vida, tenho de torná-la mais profunda e mais densa.

Os outros sentem as delícias do contentamento e da prosperidade. Eu sinto-as como eles, mas não de passagem e fugazmente. A vida tem de ser estudada, saboreada e meditada para que possamos dar as devidas graças a Quem no-la concede. Eles disfrutam dos outros prazeres como do sono: sem consciência. Precisamente para que nem o sono me escapasse sem eu dar por isso, em tempos achei por bem que me acordassem para que eu pudesse vislumbrá-lo. Qualquer alegria é para mim objecto de reflexão. Não deixo que ela se desvaneça, sondo-a e obrigo o meu espírito, já melancólico e indiferente, a recebê-la. Se, num momento de sossego, a volúpia me invade, não deixo que se consuma nos sentidos e associo-lhe a minha alma, não para se entregar a ela mas para que a acolha, não para se perder nela mas para que se encontre. Faço que se empregue, por seu lado, a mirar-se nesse estado de prosperidade, a pesar-lhe e a avaliar-lhe a felicidade e a aumentá-la. Ela apercebe-se de quanto deve a Deus por estar com a consciência tranquila e livre de outras paixões intestinas, por ter o corpo num estado de saúde normal e capaz de beneficiar ordenada e convenientemente dessas meigas e

⁽²⁸⁾ "O estulto leva uma vida ingrata, agitada, toda voltada para o futuro", Sêneca, *Cartas*, XV.

⁽²⁹⁾ Rasura: "A vida não é, em verdade, nem o bem nem o mal. É o lugar do bem ou do mal, conforme o que dela façamos", frase transposta para o Livro I, cap. XX.

deliciosas funções com que a Sua infinita bondade nos compensa das dores que, por sua vez, a Sua justiça nos impõe. Vê também quanto lhe vale estar numa situação tal que, onde quer que pouse o seu olhar, o céu se apresenta calmo à sua volta: nenhum desejo, nenhum receio ou dúvida a agitar os ares, nenhuma dificuldade passada, presente ou futura sobre a qual a sua imaginação não consiga passar ilesa⁽³⁰⁾. Estas considerações saem enriquecidas quando cotejadas com temperamentos diferentes do meu. Assim, vou fazendo desfilar em mil rostos aqueles que são arrastados e sacudidos pelo destino ou pelos seus próprios erros, e também os que, mais parecidos comigo, aceitam a sua boa sorte com grande desprendimento e indiferença. Estes são os que realmente passam o tempo; ultrapassam o presente e aquilo que têm para ficarem escravos da esperança, iludidos por sombras e imagens vãs que a fantasia lhes fornece.

*Morte obita quales fama est volitare figuras,
Aut quæ sopitos deludant somnia sensus*⁽³¹⁾,

que aceleram e prolongam a fuga à medida que as seguimos. O fruto e o objecto dessa perseguição é a própria perseguição, tal como Alexandre dizia que a finalidade do seu trabalho era trabalhar,

Nil actum credens cum quid superset agendum⁽³²⁾.

Por mim, gosto da vida e cultivo-a tal como prouve a Deus que a tivéssemos. Não ando por aí a suspirar que não devia ser preciso comer nem beber, e parece-me uma falha igualmente imperdoável pretender ter essa necessidade a dobrar ("Sapiens divitiarum naturalium quæsitior acerrimus"⁽³³⁾), ou querer que nos sustentássemos só a meter à boca um bocado daquela droga que tirava o apetite a Epiménides e o mantinha vivo, ou que gerássemos filhos estupidamente pelos dedos ou pelos calcanhares — se ao menos, com o devido respeito, os gerássemos voluptuo-

⁽³⁰⁾ Rasura: "Nenhum escrúpulo que a reprima nem de longe nem de perto".

⁽³¹⁾ "Como essas sombras que após a morte esvoaçam ou os sonhos enganosos dos nossos sentidos dormentes", Virgílio, *Enéida*, X, 641.

⁽³²⁾ "Crendo não ter feito nada enquanto houvesse que fazer", Lucano, II, 657.

⁽³³⁾ "O sábio procura intensamente as riquezas da natureza", Séneca, *Cartas*, CXIX.

samente pelos dedos e pelos calcanhares —, ou que o corpo não tivesse desejos nem palpitações. São queixumes ingratos e iníquos. Aceito de bom grado e reconhecidamente o que a natureza fez por mim, e sinto-me feliz e orgulhoso por isso. É uma injustiça para com essa grande e onnipotente doadora recusar, anular ou adulterar a sua dádiva. Bondosa como é, fez boas todas as coisas. "Omnia quae secundum naturam sunt, aestimatione digna sunt⁽³⁴⁾".

Das opiniões da filosofia, perfilho sobretudo as que são mais sólidas, isto é, as mais humanas e as mais consentâneas connosco. As minhas reflexões, assim como os meus hábitos, são modestas e humildes. A filosofia, para meu gosto, revela infantilidade quando se empertiga toda para pregar que é aberrante a união do divino com o terreno, do razoável com o não razoável, do severo com o indulgente, do honesto com o desonesto, que a volúpia é animalesca e indigna de um sábio, e que o único prazer que ele pode sentir ao possuir a sua jovem esposa é o da consciência de estar a praticar um acto tão natural como calçar as botas para uma proveitosa cavalgada. Como se os seus adeptos apenas contassem, para a desfloração de suas mulheres, com o direito, a energia e a seiva que a lição dela contém. Não é isso que Sócrates diz, ele que é nosso mestre e da filosofia também. Ele preza, tal como deve, os prazeres do corpo, mas prefere-lhes os do espírito por os achar com mais força, constância, facilidade, variedade e dignidade. Não que, segundo ele (ele não era assim tão prodigioso), estes apareçam sozinhos, mas sim em primeiro lugar⁽³⁵⁾. Para ele, a temperança é a moderadora e não a adversária dos prazeres.

A natureza é um guia amável, mas não menos prudente e justo. "Intrandum est in rerum naturam, et penitus quid ea postulet, pervidendum⁽³⁶⁾". Busco por toda a parte o seu rasto, mas nós encobrimo-lo com falsas pistas. E esse supremo bem dos académicos e dos peripatéticos que é viver de acordo com ela torna-se, por causa disso, difícil de definir e exprimir. E também o dos estóicos, seu vizinho, que é aceitar a natureza. Não será um erro considerar menos

⁽³⁴⁾ "Tudo o que é conforme à natureza é digno de apreço", Cícero, *De Finibus*, III, VI.

⁽³⁵⁾ Rasura: "Por ordem, para Sócrates, o amor é o desejo de procriar por intermédio da beleza, a procriação é um acto divino e imortal dos homens e, por consequência, o amor é desejo de imortalidade".

⁽³⁶⁾ "É preciso penetrar na natureza das coisas e perscrutar a fundo as suas exigências", Cícero, *De Finibus*, V, XVI.

dignas algumas acções, só porque são necessárias? Também não me tiram da cabeça que a união do prazer com a necessidade — com a qual, segundo um dos antigos, os deuses sempre conspiram — não seja um casamento muito conveniente. Que razão temos nós para desmembrarmos pelo divórcio um tecido feito de uma tão íntima e fraternal correspondência? Pelo contrário, tratemos de uni-lo com préstimos mútuos. Deixemos que o espírito desperte e vivifique o peso do corpo, e que o corpo sustenha a ligeireza do espírito e a retenha. “Qui velut summum bonum laudat animæ naturam, et tanquam malum naturam carnis accusat, profecto et animam carnaliter appetit et carnem carnaliter fugit, quoniam id vanitate sentit humana non veritate divina⁽³⁷⁾”. Não há nada nesta dádiva de Deus que não mereça o nosso cuidado, e temos de prestar contas dela até ao mais ínfimo cabelo. E a incumbência de o homem se conduzir de acordo com a sua condição não é meramente formal: é categórica, sincera e da maior importância, e foi-nos séria e severamente imposta por Deus⁽³⁸⁾. Só a autoridade convence o senso comum e tem mais peso em língua estrangeira. Ocupemos, então, este espaço com ela: “Stultitiæ proprium quis non dixerit, ignave et contumaciter facere quæ facienda sunt, et alio corpus impellere, alio animum, distrahique inter deversissimos motus⁽³⁹⁾”.

E, para provar isto, peça-se um dia a alguém que conte as distrações e as fantasias com que enche a cabeça para desviar o pensamento de uma boa refeição e deplorar o tempo que perde a alimentar-se. Ver-se-á que não pode haver prato mais insípido numa mesa do que esse belo exercício do espírito (a maior parte das vezes melhor seria, pura e simplesmente, dormir do que ficar acordado para semelhante vigília), e que essa conversa e intenções não valem um simples estufado. Que importa que isso tenha feito as delícias de Arquimedes? Longe de mim querer misturar com a gentilha que nós somos e com a trivialidade dos desejos e cogitações que nos divertem, essas veneráveis almas, elevadas pelo ardor da devoção e da religião a uma

(37) “Aquele que exalta como supremo bem a natureza da alma e condena como mal a natureza da carne, por certo procura carnalmente a alma e foge carnalmente da carne, pois é movido pela vaidade humana e não pela verdade divina”, Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, XIV, V.

(38) Rasura: “Como imperioso fim do nosso dever e supremo bem do homem”.

(39) “Quem poderá negar que é próprio da estupidez fazer com indolência e mau humor o que somos obrigados a fazer, empurrar o corpo para um lado e a alma para o outro e debater-se com os mais contraditórios impulsos?”, Sêneca, *Cartas*; LXXIV.

permanente e conscienciosa meditação sobre as coisas divinas, almas que, antecipando através de uma forte e inabalável esperança a conquista do sustento eterno, objectivo último e meta final das aspirações cristãs, único prazer eterno e incorruptível, desdenham afeiçoar-se às nossas míseras, fugazes e ambíguas comodidades, e facilmente entregam o corpo à fruição do alimento sensual e temporal. Isto é estudo para eleitos⁽⁴⁰⁾. Aqui para nós, são coisas que sempre me pareceu ligarem bem: opiniões supercelestiais e obscuros hábitos terrenos.

Esopo, esse grande homem, viu o seu mestre a mijar enquanto passeava, e exclamou: — O quê? Será que ainda vamos ter de cagar enquanto corremos? Saibamos gerir o tempo, que ainda nos sobra muito, livre e mal aproveitado! Se calhar, o nosso espírito não vai ter horas que cheguem para as suas tarefas se se libertar do corpo no curto momento de que este precisa para as suas necessidades. As pessoas querem exceder-se e escapar ao humano. Isso é loucura: em vez de se transformarem em anjos, transformam-se em bestas, em vez de se elevarem, afundam-se. Estes humores transcendentais assustam-me, bem como os sítios altos e inacessíveis. Não há nada que me custe mais a engolir da vida de Sócrates do que os seus êxtases e os seus momentos de endemoninhamento, e nada mais humano em Platão do que o que fez chamarem-lhe divino. De todas as nossas ciências, as que me parecem mais terrenas e rasteiras são as que mais alto subiram. E não encontro nada tão humilde e mortal na vida de Alexandre como as suas fantasias em torno da sua imortalização. Filotas atingiu-o com a mordacidade da sua resposta quando se congratulou, por carta, com o oráculo de Júpiter Amon que o colocara entre os deuses: “Por ti, estou muito feliz, mas tenho pena dos homens que vão ter de viver e obedecer a alguém que excede e não se contenta com a sua condição de homem”. “Diis te minorem quod geris, imperas⁽⁴¹⁾”.

A amável inscrição com que os atenienses assinalaram a visita de Pompeu à sua cidade está de acordo com o que eu penso: “És tanto mais Deus quanto mais te reconheces homem⁽⁴²⁾”.

⁽⁴⁰⁾ A edição de 1588 acrescenta: “Os nossos estudos são todos mundanos e, de entre os mundanos, os mais naturais são os mais justos”.

⁽⁴¹⁾ “Humilde ante os deuses, é então que tu reinas”, Horácio, *Odes*, II, VI, 5.

⁽⁴²⁾ “D'autant es tu Dieu comme, tu te recognois homme”, na tradução de Amyot.

É uma absoluta perfeição, e quase divina, o saber gozar lealmente o nosso ser. Procuramos condições diferentes por não sabermos como usar as nossas, e queremos ser outra coisa por desconhecermos o que em nós se encerra. Por isso, não vale a pena pôrmo-nos em andas porque, mesmo em cima delas, precisamos das pernas para andar. E, mesmo no trono mais alto do mundo, continuamos sentados em cima do nosso cú.

As vidas mais belas são, a meu ver, as que se adaptam ao modelo comum e humano, ordeiramente, mas sem prodígios nem extravagâncias. Já que, de certo modo, a velhice precisa de ser tratada com mais ternura, encomendêmo-la a esse Deus, protector da saúde e da sageza, mas alegre e sociável:

*"Frui paratis et valido mihi,
Latoe, donec, et, precor, integra
Cum mente, nec turpem senectam
Degere, nec cythara carentem⁽⁴³⁾". ■*

⁽⁴³⁾ "Concede-me o gozo, Apolo, dos bens que possuo, de um corpo, de uma alma sã, e que obtenha uma velhice honrosa e não estranha à lira", (Horácio, *Odes*, I, xxxi, 17).